

FUTURO COMPROMETIDO / O DESAFIO DE UMA GERAÇÃO

Sem correção nos rumos pelos novos governantes, o país avançará pouco socialmente nos próximos doze anos. A desigualdade continuará alta com um quarto dos jovens sem perspectiva, 20% da população envelhecida e o mesmo nível de pobreza de 2014

NO RITMO ATUAL, BRASIL AINDA SERÁ O MAIS DESIGUAL DA AMÉRICA LATINA EM 2030

CÁSSIA ALMEIDA, DANIELLE
NOGUEIRA E MARCELLO CORRÊA
cpais@oglobo.com.br

Doze anos não serão suficientes para o Brasil vencer duas chagas ainda abertas em nossa sociedade: a pobreza e a desigualdade. Se mantivermos a atual velocidade do combate a esses problemas, continuaremos a ser, em 2030, o país mais desigual da América Latina. Dificilmente erradicaremos a pobreza até

lá, compromisso assumido pelo Brasil perante os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, das Nações Unidas.

Sem uma correção de rumos pelos novos governantes, em 12 anos o nível de pobreza cairá dos atuais 10,95% para 8,11%, deixando ainda o equivalente a 17 milhões de pessoas em famílias com renda de R\$ 233 mensais per capita. Será o mesmo nível que o país tinha em 2014, antes de a recessão de 2015 e 2016 ter provocado o aumento da pobreza, após o país ter conseguido reduzir o número de pobres em 73% desde 1990.

Para o economista Sergei Soares, do Instituto de Pes-

quisa Econômica Aplicada (Ipea), que faz as projeções para a desigualdade, o Brasil ficou parado e manteve a elevada concentração de renda entre 2016 e 2017, com um índice de Gini, que mede desigualdade, de 0,530 (quanto mais próximo de um, mais desigual é o país). Em 2030, estaremos em 0,507, a mes-

ma taxa da Colômbia hoje.

—Se retomássemos o ritmo de queda da desigualdade experimentado nos anos 2000, chegaríamos a 2030 melhor que todo mundo na América Latina, com Gini de 0,449.

Silvana da Silva espera um futuro melhor para seus seis filhos. Aos 42 anos, ela lamenta só ter estudado até a terceira série. Começou a trabalhar como catadora de lixo aos 16

anos acompanhando a mãe no aterro sanitário de Gramacho, em Duque de Caixas, Baixada Fluminense, já desativado. Ela ainda mora na região, mas trabalha em uma cooperativa de reciclagem, onde ganha R\$ 400 por mês. O marido ganha R\$ 200 por semana com bicos.

—Mesmo com a cooperativa e o Bolsa Família, ontem não tinha nada para comer. Teve uma corrente do

bem aqui, para doar cesta básica, água —diz Silvana.

Segundo o economista Sergei Soares, a população crescendo menos e começando a cair em 2035 vai ajudar a reduzir a desigualdade:

—Desde que o Brasil começou, sempre houve uma quantidade enorme de trabalhadores sem qualificação. Pela primeira vez na História, isso não vai acontecer. A migração do campo para a cidade já se consolidou. Somos um país urbano, onde 85% da população vivem nas cidades. A forte entrada da mulher no mercado de trabalho também já ocorreu.

Esse movimento deve diminuir a oferta de mão de obra, com reflexo positivo no salário e na distribuição de renda. Mas Soares diz que reforma tributária seria solução mais rápida e eficiente para melhorar a distribuição de renda:

—As alíquotas de Imposto de Renda no Brasil são ridículas. Todo o rendimento do capital é isento. Há muito imposto indireto que incide mais sobre os pobres. Mudar isso teria impacto violento na desigualdade.

Ele cita também a reforma da Previdência e investimento em educação, principalmente na melhoria da gestão, como outros indutores para queda da desigualdade.

Três anos de recessão e estagnação aumentaram a po-

breza no Brasil. Pelas estimativas de Marcelo Neri, diretor da FGV Social, subiu de 8,32% da população em 2014 para 11,18% no ano passado.

Combater a desigualdade reduz a pobreza, diz Neri. Educação na primeira infância e saúde básica e preventiva, com foco nos mais pobres, são outras medidas para eliminar o problema:

—Diante das restrições orçamentárias, é fundamental focar as ações nos mais pobres.

Silvana espera que a educação possa livrar os filhos das mesmas dificuldades que ela viveu a vida toda. O mais novo, Isaac, tem 6 anos e deve chegar a 2030 aos 18 anos com ensino médio completo. Com ela, moram ainda outros quatro filhos, de 7, 10, 11 e 18 anos. Todos estão na escola. Isaac já fala em ser professor. Cassiane, de 10, quer ser cozinheira. Estefani, de 18, sonha ser aeromoça. O mais velho, de 25, é soldador.

—Quero que meus filhos estudem, sejam alguém na vida. Tenho orgulho de ser catadora, mas não quero que eles sejam —diz Silvana.

DESIGUALDADE

Índice de Gini (Quanto mais próximo de um, mais desigual)

2017 0,530

2030 0,507

Fonte: Sergei Soares e Ana Amélia Camarano (Ipea) e Marcelo Neri (FGV Social)

POBREZA

Percentual da população com renda de R\$ 233

2018 10,95%

2030 8,11%

Editoria de Arte



Por uma vida melhor, Silvana da Silva com Estefani, de 18, Cassiane, de 10, e Isaac, de 6, na casa onde moram em Duque de Caxias. A mãe que ganha R\$ 400 numa cooperativa de reciclagem de lixo vê na educação uma saída para os filhos